

No centenário de Luiz Pacheco, o libertino canonizado

Mário Santos

Cem anos depois do seu nascimento, a comunidade académica institucionaliza o tráfugo literário do século XX português

A história é antiga e conhecida. Quando o escritor e editor Luiz Pacheco (1925-2008), que trabalhava há 14 anos na Inspeção-Geral dos Espectáculos (organismo dependente do famigerado Secretariado Nacional de Informação), se despediu em 1959 da sua condição de funcionário público para se dedicar exclusivamente à liberdade de viver, escrever e editar, inaugurou um dos mais heterodoxos e combativos percursos existenciais e literários da segunda metade do século XX português.

Cem anos depois do seu nascimento, e 18 anos transcorridos após a sua morte, o grande apóstata literário encontra-se em franco, e certamente inevitável, processo de institucionalização pela comunidade académica e cultural. Na quarta-feira decorreu na Biblioteca Nacional, em Lisboa, um colóquio intitulado *E depois o maldito sou eu* e nos próximos dias 22 e 23 realizar-se-á, em Setúbal e Palmela, no âmbito do programa comemorativo *Luiz Pacheco Passeia por Todo o Papel (1925-2025)*, do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa, um congresso internacional sobre o autor de *O Libertino Passeia por Braga, a Idolátrica, o seu Esplendor, O Teodolito, Exercícios de Estilo* e outros textos canónicos ("icónicos", dir-se-ia hoje...) da literatura portuguesa outrora equivocadamente dita marginal.

No colóquio de Lisboa intervieram académicos, escritores e jornalistas, e um dos oito filhos de Luiz Pacheco, Paulo Pacheco, que revelou que os documentos (autógrafos e outros) ainda na posse da família deverão juntar-se proximamente ao espólio já disponível na Biblioteca Nacional e que foi por esta adquirido em dois leilões, em 2009 e 2010.

Talvez porque se tratava de Pacheco, que durante meio século carregou com brio o fardo de ser o "maldito" literário de serviço (como se lhe não bastassem outros), os académicos não quiseram parecer excessivamente académicos. E foi assim que só Ana Sofia Narciso dos Santos, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, leu uma elaborada comunicação escrita (sobre "liberdade e moralidade em Luiz Pacheco") e ape-

nas Rui Sousa, da mesma faculdade, e investigador principal do projecto *Surrealismo-Alieccionismo em Portugal. Da folha volante ao mundo digital* (que pretende vir a disponibilizar uma base de dados sobre o tema), se socorreu do PowerPoint (mas conveio, uma vez que as farpas e outra marginalia anotadas por Pacheco nos livros que lia foram o objecto da sua intervenção).

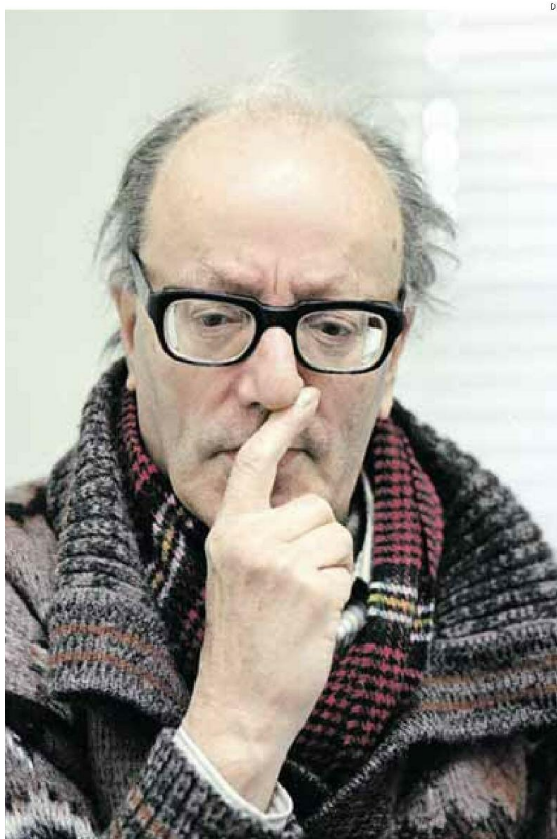
Por sua vez, Rui Zink, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, galanteou com uma ou duas provocações os escritores-jornalistas presentes, Diogo Vaz Pinto e João Pedro George (também biógrafo de Pacheco), que retribuíram depois da pausa para café. Na abertura do colóquio, o director da Biblioteca Nacional, Diogo Ramada Curto, havia já aludido, aliás, à situação paradoxal de se estar ali "a comemorar alguém que não gostaria de ser comemorado", sugerindo, por outro lado, ser hoje "mais fácil" organizar um colóquio sobre Pacheco do que sobre o romancista José Cardoso Pires, nascido também há cem anos.

Uma liberdade "violenta"

António Cândido Franco, professor da Universidade de Évora e autor de uma "vida de Luiz Pacheco" (*O Firmamento É Negro e Não Azul – A Vida de Luiz Pacheco*, 2023), reconduziu a excepionalidade do seu biografado ao primeiro texto por este publicado, *História Antiga e Conhecida* (1946), onde já se lia um "desajustamento" inovador, que era também geracional, "em relação ao cânone neo-realista" então prevalecente. Segundo Cândido Franco, o surrealismo, que virá a ser a forma encontrada pela geração de Pacheco (Mário de Cesariny, António Maria Lisboa e Alexandre O'Neill, entre outros) para resolver a "tensão" com a geração estética anterior, "é, na verdade, ainda uma forma de neo-realismo", na medida em que busca uma "nova realidade que choca com a realidade social".

Quando a "exigência de liberdade" surrealista o levou à "ruptura com a família e o trabalho", em 1959 (tinha na altura três filhos), a reputação de Pacheco enquanto crítico (erudito mas, na altura, ainda "vulgar", no dizer do estudioso) e enquanto editor (a histórica Contraponto, criada em 1950, havia já publicado Cesariny, Lisboa, Herberto Helder e Natália Correia) estava firmada, "mas não era [ainda] escritor".

A referida ruptura constitui um "ponto-chave até do ponto de vista



Luiz Pacheco foi o "maldito" literário de serviço do nosso século XX

O meu pai é livre no corpo, é livre naquilo que escreve, é livre na constituição da família e na destruição da família – eu sou vítima disso e sei muito bem o que é que isso significa

Paulo Pacheco
Filho de Luiz Pacheco

literário", e, subsequentemente, Luiz Pacheco vai elaborar um projecto "muito consistente e muito original" de "literatura autobiográfica". Trata-se do neo-abjeccionismo: "A liberdade que ele está a viver precisa de ser contada", e assim nasceu "o grande narrador de *O Libertino...* e de *O Teodolito*, em 1961, e de *Comunidade*, em 1964, três grandes textos narrativos, poéticos". Não obstante, a escrita diarística, que "em grande parte" continua por publicar, constitui "a grande matriz e a grande realização literária" de Luiz Pacheco e, para Cândido Franco, alcança um "momento extraordinário" em 2005, com a publicação do *Diário Remendado (1971-1975)*, "seguramente o mais importante diário da literatura portuguesa até aos dias de hoje e o melhor exemplo da literatura neo-abjeccionista".

A propósito, e embora "um bocadinho farto" de relatar a vida com seu pai e cansado das perguntas sobre

como é que conseguiu ser "tão normal", Paulo Pacheco falou também da "crueza" e das muitas "coisas tremendas" contidas nos diários autógrafos ainda inéditos (a maioria deles) e à sua guarda, e resumiu assim uma das últimas "pérolas" que lá encontrou: "O puto portou-se mal". Eu tinha oito ou nove anos e teria feito uma coisa qualquer de criança... 'Pu-lo de castigo', ou seja, 'não lhe dei jantar'. 'Ainda bem porque não havia nada para comer.' E rematou, com uma gargalhada que contagiou o auditório: "Filho da puta!"

A maior parte do seu "testemunho" foi dedicada, contudo, a reafirmar que, enquanto não transitara para a Biblioteca Nacional, a parte do espólio actualmente em sua posse continua à disposição dos investigadores que a quiserem consultar, em Palmela; a garantir que a família não tem impedido nem se oporá à reedição das obras de Pacheco (todas ou quase todas actualmente indisponíveis nas livrarias); e a fazer um definitivo elogio do progenitor: "A liberdade, em Luiz Pacheco, é absoluta, é radical e é violenta. É absoluta porque é um valor indisputável, não se negocia e não tem discussão. A liberdade individual, entenda-se – o homem não queria fazer proselitismo. É radical porque abrange tudo: o meu pai é livre no corpo, é livre naquilo que escreve, é livre na constituição da família e na destruição da família – eu sou vítima disso e sei muito bem o que é que isso significa. E é violenta porque tem vítimas e é uma ferramenta de combate. É violenta com os amigos, com os adversários, com as ideologias. É violenta porque cria estilhaços em todo o lado e ninguém é poupado. É mais implacável com a família e com os amigos do que com os outros. O diário é uma expressão dessa violência."

Paulo Pacheco afirmou também que, ao contrário do que era habitual no processo criativo de Luiz Pacheco, que exigia sucessivas revisões e reescritas, *O Libertino...* foi escrito "de um jacto", numa tarde, tal sendo visível no manuscrito original que estará no espólio do editor Vítor Silva Tavares. E contou ainda: "Uma das coisas de que o meu pai não gostava na *Comunidade* é que aquilo era para ser ofensivo, era para dizer aos amigos todos arranjadinhos que a malta podia ser feliz dormindo cinco numa cama... O problema foi que toda a gente gostou imenso do texto e achou aquilo muito poético, e o que era para ser ofensivo tornou-se uma referência literária sem consequência."